

Tempos de amor e tempos de violência

Ariane Severo¹

No amor, o casal fala sem dar ordens, um bater de continências. Nos casais corrosivos e malditos deixa de existir a troca, característica do diálogo, e as liberdades de quem fala e de quem ouve. Perderam a ternura. Vivem de forma provocativa, aos gritos, olhar hirto e inflexível. São vozes queixosas, vozes agressivas. Um sistema de ordens ou comandos, conjunto de regras coercitivas baseadas na moral opressora, de crítica permanente, censuras eternas que culpabilizam o outro. Lançam pensamentos de forma fragmentada, em sentenças ambíguas ou paradoxais. Um discurso cheio de certezas, clichês, deduções falsas. Um corrige o outro o tempo inteiro. A comunicação é escassa, incompleta, comprometedora, frustrante. Existe um único ponto de vista. Cada um toma um partido, o seu, e o debate passa a ser público, impermeável à racionalidade. Tentam impor uma única semantização e, para tanto, atacam o outro permanentemente. O diferente é perturbador. O sentimento é de frustração, incompreensão, acarretando distanciamento, agressão e desamparo. As palavras perdem sua característica simbólica; a linguagem é de ação. São palavras duras, que parecem chicotadas, que cortam, fazem sangrar. Palavras macabras, funestos vaticínios da tempestade. Nesses casais, o dizer é forçado, difícil, com neologismos e frases prolixas que giram em torno dos pensamentos e os escondem. Um amontoado, uma rede de palavras para emaranhar o outro, um torneio de ironias. Nos casais que chamo de corrosivos e malditos, o coeficiente de destruição é elevado ao máximo: um ácido na sua propriedade destrutiva. A vida é empobrecida, de constituição mórbida. Cotidiano rotineiro, enfadonho, ocupado em ninharias e formalismos. Erotismo escasso. O discurso violento, gratuito, narcisista. Casais em guerra: estraçalhamento no matraquear das metralhadoras discursivas. Quando o ódio exasperado triunfa, o casal se debate em vão, procurando uma solução às tontas. E, depois do combate de palavras, querem desistir do outro, da vida a dois, do viver. Hanna Arendt (2005) afirma que violência e poder referem-se a fenômenos distintos. Berenstein (2001) propôs o conceito de violência desde o ponto de vista vincular (intersubjetivo) e a conceitua como: “Atos que se realizam entre um sujeito e outro, consistentes no despojo do seu caráter de alheio e na intenção de transformá-los em semelhante ou idêntico ao Eu”. Associa-se ao apagamento da subjetividade, um desaparecer do

¹Psicanalista e escritora

outro como distinto. Deixamos de pertencer a uma comunidade, do ponto de vista social. “A violência é uma ação que está dirigida para suprimir ou destruir o outro” (Berestein, 2004, p. 74). Entre nós, segundo Joel Birmam (2003, p. 46, p. 97): “É saquear do outro aquilo que ele tem de essencial e inalienável. Tomar o outro como objeto para suprimi-lo. A violência impede a manifestação do outro em sua singularidade”. Para falar de violência é importante lembrar que violência e abuso não são a mesma coisa. A violência mata a diferença. Nossa intervenção é no sentido de desarmar o vínculo maligno. Esses casais ou famílias violentas nos procuram para que não se matem. Muitos casais digladiam-se na frente dos filhos e os usam como escudos. Ferenczi (1992) dizia que uma criança acolhida com rudeza e sem carinho morre facilmente e de bom grado. Disse também, que estas crianças utilizam numerosos meios orgânicos para desaparecerem rapidamente. Mas, se escapam desse destino, conservam pessimismo e aversão à vida. Então, cabe a pergunta: Quando chegamos a uma zona de risco capaz de avançar para a violência? Qual o traço distintivo do poder? Poder e violência são opostos. Onde um domina absolutamente, o outro está ausente. A violência aparece quando o poder está em risco; mas deixada ao seu próprio curso ela conduz ao desaparecimento do poder. Trabalhamos com diferentes conceitos: domínio, violência, loucura a dois, poder, excesso de poder, estados de irritação, ódio... Conceitos cada vez mais presentes na clínica contemporânea, decorrência da realidade social em que vivemos. Foucault (1985) afirma que as relações de poder são entrelaçadas com outras relações: de produção, aliança, família, sexualidade, e desempenham um papel ao mesmo tempo condicionante e condicionado. E essas relações são específicas: É algo que funciona em cadeia, em rede, nunca está localizado nas mãos de alguns como um bem, uma riqueza. “Os indivíduos estão sempre em posição de exercer esse poder e de sofrer sua ação; nunca são alvos inertes ou consentidos do poder, são centros de transmissão. O indivíduo é um efeito do poder e, simultaneamente, seu centro de transmissão. O poder passa através dos indivíduos que ele constitui” (Foucault, 1985, pp.183-184). Foucault (1985) descreve mecanismos e técnicas de poder e saber. O poder disciplinar, ciclo da interdição, lógica da censura e de todos os modos de dominação, submissão: “Não toques, não consumas, não tenhas prazer, não fales, não apareças; em última instância, não existirás, a não ser na sombra e no segredo... Renuncia a ti mesmo sob pena de seres suprimido; não apareças se não quiseres desaparecer. Tua existência só será mantida à custa de tua anulação” (Foucault, 1985, pp. 81-82). Berenstein (2001, 2004, 2006) encontrou nestes autores uma base sólida para desenvolver o conceito de poder ao longo dos anos. E passamos a usá-lo na clínica diária com casais e famílias e definiu-o: “são movimentos recíprocos de imposição, nos quais um sujeito deixa sua marca no outro

e o coloca em uma nova subjetividade” (Berenstein, 2006, p. 4). Numa conferência no Contemporâneo, em agosto de 2009, ele nos disse: “É inerente ao sujeito impor sua presença ao outro. Essas ações estão associadas à experiência emocional e vincular e levam a uma modificação no corpo e na subjetividade. Esses movimentos de imposição recíprocos deixam marcas e são obstáculos para a continuidade de nossa identidade”¹. No seu último livro, de 2011, falou dos estados de irritação: “Exteriorização de um forte sentimento de intolerância ao que provém do outro, ou não coincidente com o sujeito” (Berenstein, 2011, p. 110). Com linguagem ofensiva, insultos, atribuições de certezas, convicções, que ele chamou de “o óbvio”. Situações onde a nossa escuta e pensamento ficam afetados. Janine Puget, em conferência na Jornada da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (2018), nos indagou como manejamos na clínica com o tema da política. Ou se o estamos evitando como analistas. Na sua opinião, da qual compartilho, não devemos permitir que um tema seja tabu. Devemos pensar se não estamos contribuindo para termos pessoas apolíticas. Se estamos “dizendo” para que não falem sobre isso, por ser perigoso. Devemos nos perguntar o que nos desperta a situação atual do País. Com que ferramentas enfrentamos esses temas? São temas proibidos? Existem distintas maneiras de viver o social. Uma família pode ter o pai burguês, um filho que participa das manifestações sociais e a mãe que discrimina algumas minorias. Há tensão na família. Temos que aprender a falar e a não ter medo de opiniões distintas. Temos que falar do que não se fala. O poder deve circular; do contrário, há violência. A palavra deve ser dos dois, de todos e não uma imposição de um sobre o outro; um processo de alternância e reciprocidade. Existem violências contra a humanidade. Tenho lutado através da literatura, contra a destruição da natureza. Estamos conectados com a história do universo. Somos a continuidade do universo do qual fazemos parte. Nós não estamos no planeta Terra, nós somos o planeta terra. Hoje, mais do que nunca, a relação a dois é uma construção conjunta, é aceitação das diferenças, da diversidade do outro, da incerteza. Viver a dois é imprevisível, turbulento, fragmentário, descontínuo, e provoca rupturas diárias. A vida a dois é cheia de encontros e desencontros permanentes. Nosso desafio trabalhando com estes conceitos é promover um processo reflexivo acerca da relação afetiva, da relação analítica. Quando o tema é também o amor, é sempre bom lembrar que o amor necessita de um cuidado real para sustentar a vida, a ilusão. Freud (1914/1958, p. 268, 271) nos ensinou que “a psicanálise é, em essência, a cura pelo amor. E todo amor tem como referência o campo do próprio narcisismo. Quem ama perde, por assim dizer, parte de seu narcisismo, e só pode compensá-lo sendo amado. Aquilo que falta ao Eu

¹ Informação verbal.

para atingir o seu ideal é o amado”. Por isso, Lacan (1960/1961-2010) afirma que o amor é essencialmente querer ser amado. E diz ainda: “Os efeitos do amor são eminentes. [...] pela dignidade que revelam [...] O amor é um vínculo contra o qual qualquer esforço humano viria se quebrar. Um exército feito de amados e amantes [...] seria um exército invencível, na medida em que o amado, para o amante, tanto quanto o amante para o amado, são eminentemente suscetíveis de representar a mais alta autoridade moral, aquela diante da qual não se cede, aquela diante da qual não se pode ser desonrado. Essa noção alcança, no seu ponto extremo, o amor como princípio do sacrifício último” (Lacan, 1960/1961-2010, p. 64). Gosto muito quando ele fala do dom. Diz Lacan: “Não existe maior dom possível, maior signo de amor que o dom daquilo que não se tem” (1956/1957-1995, p. 142). Assim, o amor é dado em troca de nada. “Nada por nada é o princípio da troca, na medida em que, por detrás do que ele dá, existe tudo o que lhe falta... O indivíduo se sacrifica para além daquilo que tem” (Lacan, 1956/1957-1995, p. 143). “É que na medida em que ele é elevado à dignidade de dom, entra na dialética da troca” (1956/1957-1995, p. 144). Na vida a dois tudo é experimental: dá-se mais na linha do rabisco. A criatividade frente ao mundo, frente à relação, é da ordem do acontecimento. Quando um casal vive de forma criativa, vai se aprofundando, instalando-se no mundo vincular. E sente que a vida é digna de ser vivida. No *enamoramento*, um capacita o outro a ter ilusões. Um permite ao outro se iludir. E brincam. É somente no brincar que o casal frui sua liberdade de criação. Esse espaço do brincar, espaço potencial do *entre*, depende da experiência que conduz à confiança. Porque aí se experimenta o viver criativo. Para Winnicott (1971/1975, pp. 23-25), “se há possibilidade de exercício de um viver criativo a vida se justifica. A criatividade é, portanto, a manutenção através da vida de algo que pertence à experiência infantil: a capacidade de criar o mundo. Para o bebê isso não é difícil se a mãe for capaz de se adaptar às suas necessidades. Viver criativamente é viver na qualidade da primeira vez”. O gesto amoroso é um gesto espontâneo de dar e receber. Se houver um gesto que corresponda, o contato está estabelecido, afirma Winnicott(1986-2005). No amor a cena é sempre recíproca. O olhar encantado atribui majestade ao gesto. Aquele que recebe encanta-se em retribuir. Produz-se um sentimento amistoso, uma afirmação de vontade que dissipa a incerteza. Cordialidade exige cordialidade. O gesto amoroso inaugura um sentido, cria o objeto subjetivamente concebido. Cada gesto do amado é sentido como se fosse o primeiro, o gesto inaugural do mundo do entre dois. Face a face, cada gesto fala. Michel Foucault (1985) costumava dizer que no amor não há um titular; há algo que circula entre os parceiros. No *enamoramento*, a linguagem é uma pele suave que envolve o amado. No amor dos começos, as palavras são reduzidas a poucos sons, uma linguagem

para o ouvido, minimalista. Ao pé do ouvido eu o acarício, roço, ronrono. A conversa é sussurrada, um débil rumor produzido pelo par amoroso. Uma sucessão de coincidências e surpresas. Uma linguagem primitiva: Ui! Ai, ai... Hum...Hã? Sim, sim, sim... Hãhã. Depois o verbo ou uma conjugação: Vem! Faces rosadas, a sonoridade de versos românticos: *o tempo fluindo robusto, significativo e inesgotável*. O prazer é malicioso, deliciosamente preliminar, um petisco. O prazer envolve pele, fricção, calor. O olhar cobiça, deseja. O coração palpita. A boca se desmancha em beijos. As mãos se enchem de carícias. Tudo estremece, arde, inflama, seduz. No amor, os momentos são levados à incandescência; é como um estado de graça. Para falar de amor prefiro os poetas. Freud (1914/1958) disse que os artistas, em especial os escritores, antecipavam verdades essenciais do humano. E tornou a psicanálise a irmã mais nova da Literatura. Amar se aprende amando, disse o poeta Carlos Drummond de Andrade. “A palavra amorosa não fala de amor. A palavra amorosa é amor” (Schüler, 2013, p. 154). A arte de amar permite repensar a convivência social, modifica relações humanas. Em lugar da violência a livre aceitação do outro, da diferença. Quando meu amado me recebeu em sua casa deixei de ser uma estrangeira. Sua hospitalidade é plena. Sua hospitalidade não estava condicionada a nada. Nessa noite, ele, meu anfitrião, se tornou meu hóspede. Minha chegada desconstruiu a ambos. Eu não esperava, nem ele, mas eu cheguei. Ele sempre chega. A vinda dele é um acontecimento. Nascemos como casal. E conseguimos existir na diferença. E não há um sem o outro. E não se pode dizer onde começa um e onde começa o outro. Somos feitos desse movimento que nos constitui e que nos desloca. Estar com ele significa alegria. Há uma qualidade no exercício da própria vida, há uma tendência para viver bem. Alargamos as janelas da nossa casa, recriamos a amplitude dos movimentos, libertamos um pé-direito total, que vai do piso até o topo do mundo. Ele é a minha casa no mundo. O amor está relacionado com a delicadeza, com a espontaneidade, com a ilusão. Segundo Barthes (1990), quem elimina a ilusão elimina a poesia. No amor o prazer é precoce, é evidente, fruído na primeira vista. É um prazer em proporções e delicado. É o *Suave Mistério Amoroso* (Severo, 2014).

Palavras-chave: Amor. Violência. Poder.

Referências Bibliográficas

Arendt, H. (2005). *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Barthes, R. (1990). *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

- Berenstein, I (2011). *Do Ser ao fazer- Curso sobre vincularidade*. São Paulo: Via Lettera.
- Berentein, I. (2006). Amor, poder y sexualidad en los vínculos en la contemporaneidad. In *VII Jornada do Contemporâneo- O sujeito e seus Vínculos*.
- Berenstein, I. (2004). El sujeto como outro entre (inter) otros. In FIORINI, L.G. (Org.) *El Outro en la trama Intersubjetiva*. Buenos Aires: APA Editorial. p. 75 -97.
- Berenstein, I. (2001). *El sujeto y el outro: Del ausência a la presencia*. Buenos Aires: Paidós.
- Birman, J. (2003). *Mal-estar na atualidade*. A psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Ferenczi, S. (1992). As bases da Psicanálise Contemporânea. In *Obras Completas: Psicanálise IV*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (1985). *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal.
- Freud, S. (1958). Introdução ao Narcisismo. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Trad. Dr. C. Magalhães de Freitas, v. V. Rio de Janeiro: Delta S. A. (Originalmente publicado em 1914).
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1956/1957).
- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 8: a transferência*. Trad. Dulce Duque Estrada; revisão de Romildo do Rêgo Barros. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1960-1961).
- Machado, E. (2006). Violência ou poder. O que ocorre dentro da sala de aula? In *Anais do Fórum internacional de Cidadania*. Santo Ângelo: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões.
- Ponsi, A.; Severo, A.; Niendenberg, M.; Tubino, R. (2015). *Os dois lados do espelho: Relato de uma experiência em Psicanálise Vincular*. Porto Alegre: AGE editores.
- Schüler, D. (1994). *Narciso Errante*. São Paulo: Vozes.
- Schüler, D. (2005). A história da violência – Genocídios. In *Pensando a violência em Freud*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Psicanálise. SBPA de POA, nov.2005.
- Schüler, D. (2013). *Abismados em Amor*. Porto Alegre: Movimento.
- Severo, A. (2010). *Encontros e Desencontros: a complexidade da vida a dois*. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Severo, A. (2014). *O suave mistério amoroso*. Porto Alegre: AGE editores.

Winnicott, D.W. (1975). *O Brincar e a realidade*. Coleção Psicologia Psicanalítica. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1971).

Winnicott, D.W. (2005). *Tudo começa em casa*. Trad. Paulo Sandler. 4. ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes. (Psicologia e Pedagogia). (Originalmente publicado em 1986).